

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL - IACS
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

A PRODUÇÃO CULTURAL DE DUQUE DE CAXIAS COMO
CENTRALIDADE NA DISPUTA DE NOVAS NARRATIVAS SOBRE O
ESPAÇO E A CIDADE

LETÍCIA DE LISBOA GULART

Monografia de Conclusão de Curso, requisito parcial
da graduação em Produção Cultural da UFF,
desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Luiz
Augusto F. Rodrigues

Niterói

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL - IACS
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

A PRODUÇÃO CULTURAL DE DUQUE DE CAXIAS COMO
CENTRALIDADE NA DISPUTA DE NOVAS NARRATIVAS SOBRE O
ESPAÇO E A CIDADE

LETÍCIA DE LISBOA GULART

BANCA:

Luiz Augusto F. Rodrigues, UFF, Orientador

Deborah Rebello Lima, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Marlúcia Sousa Santos, Museu Vivo do São Bento

Niterói

2017

À produção de cultural da Baixada Fluminense, que me enche os olhos de vigor e crédito no futuro, e para todos fazedores e fazedoras que me inspiram e fazem acreditar que vai dar.

Às mulheres da minha família, donas das táticas de viver e administrar famílias na Baixada Fluminense, especialmente minha bisavó Maria, minha avó Gelma e minha mãe Luciana.

Agradecimentos

Ao curso de Produção Cultural por sua pluralidade, que nos permite ir além da academia, para que possamos descobrir nossas próprias histórias e sejamos os mediadores do mundo que sonhamos.

Aos meus amigos e companheiros de jornada grandes inspirações, Carolina Rocha, Gabriel Henriques, Hikari Amada e Nathalia Cantarino.

A minha família, sempre presente e crente nas minhas convicções, pacientes com meu tempo.

Aos amados Marckson e João Victor.

Aos muito queridos avô João, Marcio, Elaine, João Pedro e Amanda.

Minha mãe, Luciana, por acreditar em mim mais do que eu mesma poderia.

Meu companheiro de vida, Jessé Cabral, por todos os cafés que confirmam esta e outras histórias.

Aos amigos irmãos da Cia Sol sem Dó.

Ao meu orientador Luiz Augusto pela paciência e dedicação.

E à Neca de Catibiriba por ser a parte mais corajosa de mim.

RESUMO

A pesquisatem por objetivo analisar a produção cultural em Duque de Caxias e compreender seus alcances na criação de novas narrativas e subjetividades sobre o território em questão. A partir de uma breve contextualização histórica do território, o trabalho apresenta um mapeamento dos grupos culturais da região, suas práticas e táticas para produzir cultura. Apresenta o estudo de caso da Casa Brasil, apontando a importância de uma gestão de cultura territorializada, em Duque de Caxias na Baixada Fluminense.

Palavras-Chave: Duque de Caxias, Produção Cultural, Mapeamento, Casa Brasil de Imbariê.

SUMÁRIO

Introdução	7
1. Apresentando o território e algumas de suas práticas.....	12
2. Produção Cultural em Duque de Caxias	
2.1 Duque de Caxias um território de experiências Culturais	22
2.2 Produção Cultural em Duque de Caxias, práticas e táticas	25
3. Gestão Cultural Territorializada: O caso da casa Brasil	
3.1.Caracterização do Território	37
3.2.A implementação da Casa Brasil	39
3.3.Gestão Cultural Territorializada	40
4. Conclusões preliminares	49
Referências bibliográficas	52

INTRODUÇÃO

Desenvolver este trabalho foi um dos processos mais demorados e complexos que pude vivenciar, especialmente durante a vida acadêmica. Um trabalho gestado e embaraçado em mim, de forma que me concentrar em identificar objeto, conceito e metodologia parecia, em muitos momentos, uma tarefa impossível, justamente porque escrever sobre Duque de Caxias também é, mesmo que indiretamente, falar de mim, da minha trajetória e sobre minha forma de ver o mundo e suas relações.

Questionei sobre como fazer uma pesquisa isenta de minhas experiências pessoais neste território, porém, apenas quando me tornei consciente da impossibilidade de dissociar a pesquisa que desenvolvo neste trabalho das experiências que adquiri como moradora e agente cultural na cidade de Duque de Caxias fui capaz de evoluir na construção e compreensão da pesquisa. Foi necessário me atentar para o fato de que meu olhar e fala sobre este território, o qual faz parte integrante da minha construção enquanto indivíduo, jamais será uma fala isenta e estritamente acadêmica, e tão pouco, por isto, menos expressiva e importante.

Afinal, segundo Bourdieu (1990), a sociedade é uma estrutura estruturada e estruturante, um campo de disputas que se move, mesmo que lentamente a partir de seus sujeitos. Nesse trabalho, então, assumo meu papel enquanto jovem pesquisadora, disputando no campo acadêmico a construção de uma outra narrativa sobre meu território de origem, compreendendo e assumindo que eu, pesquisadora, também sou um sujeito em construção, atravessada por este território, lançando mão dos recursos que me foram oferecidos como uma tática para disputa. Como aponta Bourdieu (1990, p. 11), “as diferentes classes e frações estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses.”

Nesse sentido julguei como pertinente expor parte da minha trajetória, visto que este caminhar, que ainda se desenha, é o que impulsiona a construção desse trabalho.

Nasci em uma família com formação bastante comum na cidade de Duque de Caxias, o que revela muito sobre os fluxos migratórios que formaram a cidade e depois

irão influenciar na construção da cultura e das referências locais. Na década de 50 meu avô chegou à cidade, cearense, vindo de pau de arara junto com seus outros doze irmãos e irmãs. Minha avó, por sua vez chegou à cidade no mesmo período, naquele tempo com seus onze anos, vinda da cidade de Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense.

Da união dos dois nasceram minha mãe e meu tio, que integram partedas primeiras gerações de nascidos em Duque de Caxias, visto que a maioria da população anterior teria chegado aqui nos fluxos migratórios, vindos principalmente dos Estados do Nordeste, do Norte Fluminense e suas divisas, assim como meu avô e minha avó.

Minha mãe se uniu ao meu pai, que integrava uma família vinda do Espírito Santo, estado que faz fronteira com o Norte Fluminense e então, eu nasci advinda de todas essas referências e migrações que atestamos ser tão comuns aqui na cidade. Em um simples bate-papo no bar ou no mercado é fácil perceber como a minha árvore genealógica se confunde com a de tantos outros moradores de Duque de Caxias.

Olhar para os meus registros familiares e identificar a construção da história da minha família com a história de formação da cidade ajuda a compreender como nossas histórias estão quase sempre atravessadas com as histórias de nossos lugares de origem e como é confortável saber de onde viemos, do que somos feitos. Construir essas conexões contribui para o desenvolvimento de relações mais afetivas com os espaços. A memória me parece um fio condutor indispensável para as construções de afeto e identidade entre os sujeitos e seus territórios.

Porém, não foi um caminho fácil chegar a essas conclusões. Mesmo tendo sido nascida e criada em Duque de Caxias, me espantei quando cheguei na Universidade e descobri que sabia tão pouco do meu próprio território. Foi na UFF, já cursando a graduação de Produção Cultural, na cidade de Niterói, que de fato descobri e reconheci grupos e tradições culturais tão potentes e importantes na minha própria cidade. Como os mestres e rodas de Capoeira, as Folias de Reis, o Cineclube Mate com Angu, entre outros.

Esse processo de descobertas durante a Universidade é de fato bastante comum, afinal a entrada na Universidade é mesmo um momento de muitos desdobramentos e de inspiração para novos olhares, principalmente se ingressamos muito jovens, como foi o meu caso. Porém, o que faz expor esse processo com certa preocupação é o fato de que

mesmo tendo ingressado na Universidade muito jovem eu já me considerava, e era de certa forma, uma jovem com envolvimento na cultura local da cidade, eu fazia parte desde os quatorze anos de um grupo de teatro local, chamado CPT-DC – Centro de Pesquisas Teatrais de Duque de Caxias.

O CPT-DC é um grupo de teatro bastante antigo na cidade, responsável pela ocupação do Teatro Municipal Armando Mello, o grupo oferece aulas de iniciação teatral para jovens, crianças e adultos. Meu primeiro contato foi através das aulas de teatro e depois do período de um ano fui incorporada ao elenco do grupo. Junto com a companhia eu participei de reuniões e conferências de cultura promovidas pelo Ministério da cultura (MinC) naquele período, votações do conselho de cultura, discussões em fóruns municipais da Secretária Municipal de Cultura e da produção de três edições do Festival Nacional de Teatro de Duque de Caxias (2008 – 2010).

Foi a partir dessas experiências já vividas que decidi prestar vestibular para Produção Cultural, pelas vivências que tinha adquirido no meu território, o mesmo que eu acreditava conhecer o suficiente. E foi chegando na Universidade, e aqui destaco o papel fundamental da academia, principalmente do curso de Produção Cultural por pensar uma formação baseada na pluralidade e na diversidade, que percebi que o que eu conhecia era muito pouco.

Foi preciso olhar de longe, desfazer laços, ir morar em outra cidade e me afastar do cenário da produção cultural local por um período para que eu pudesse olhar de volta para o meu território, dessa vez me desfazendo de birras e pressupostos, para perceber quantos outros grupos já atuavam por lá. Foi preciso um afastamento para ver melhor as dinâmicas de um território tão complexo e de tantas produções.

Esse período foi importante para um amadurecimento pessoal e compreensão de uma forma mais ampla das dinâmicas de produção local. Em uma cidade como Duque de Caxias, Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro, os olhares parecem mais voltados para fora e sempre me foi dolorido perceber que os encontros e reconhecimentos se dêem antes fora da cidade. O que revela um complexo muito profundo de estigmas negativos e nos induz subjetivamente a compreender que o que é produzido aqui está também incluído no campo da ausência e da falta, como majoritariamente a cidade é representada.

Que estigmas são estes? Que narrativas estão em jogo, que imaginário é este e no que isto implica na formação deste território? São questionamentos que comecei a me fazer quando iniciei este trabalho. Que produção simbólica é essa que vem sendo produzida sobre este território, estimulando e impossibilitando a construção de determinadas relações identitárias dessa cidade?

Duque de Caxias é simbolicamente reconhecida como uma cidade perigosa, de políticos corruptos, terra de ninguém, vai descer quem mora mal (somos o final da Linha Vermelha). Lembro que quando criança ia à Zona Sul para médicos e para os programas culturais e sempre ouvia e repetia a máxima de que Caxias não tinha nada. Os parâmetros do que era bom estiveram apontados para o Rio de Janeiro, é bom ressaltar que essa não era uma construção individual, era comum que as pessoas tivessem vergonha de falar que eram da cidade e um imaginário muito forte sobre a violência e falta de serviços básicos foram construindo a memória local.

Por um bom tempo, o ideal de sucesso de um morador de Duque de Caxias era se mudar da cidade, o que é muito sintomático e estratégico para uma cidade com faturamento tão alto como Duque de Caxias. Essa construção de um lugar de ausência serviu a muitos governantes que passaram pela cidade. Uma cidade sem memória, sem espaço de criação de afetos e relações não costuma ter uma população politicamente ativa ou mobilizada para o exercício da cidadania.

Essas reflexões foram as grandes impulsionadoras desta pesquisa, e me fizeram pensar a produção cultural de Duque de Caxias como centralidade nas disputas para construção de outras narrativas na cidade. Ao olhar para cidade e para a produção cultural gerada neste território, percebi a cultura e os movimentos culturais como um elemento central para construção de uma cidade com auto-estima mais elevada, com capacidade para gerar identificações positivas e construir espaços mais afetivos e menos endurecidos.

Apenas quando me senti segura da dimensão política e afetiva como potências para construção deste trabalho é que pude me conectar com a lembrança de uma conversa informal com Heraldo HB, querido amigo, grande incentivador deste trabalho e uma “biblioteca ambulante” no que se refere à cultura da Baixada Fluminense. Em um bar dos becos de Duque de Caxias, Heraldo – que é um expressivo músico, escritor,

fundador do Cineclube Mate com Angu e militante cultural deste território - me contava sobre as histórias extraordinárias de uma cidade que não cheguei a viver, mas que posso sentir ao andar pelas ruas. Ele me falava da trajetória de personagens importantes da cultura local que vivem como grandes anônimos, e de outros que morreram assim.

Falávamos sobre a invisibilidade desses personagens, e refletíamos, em pleno Beco do Rato¹, com som da máquina de fichas ao fundo e ovos coloridos no cenário, sobre a constatação de que a não circulação dessas histórias não é fruto de ações ingênuas; não falar sobre esses personagens e ignorar determinadas trajetórias, é uma escolha e, portanto, um ato consciente e político que contribui para a construção de uma identidade marcada pela exaltação de ausências e outros estigmas negativos.

Meu trabalho, então, segue o sentido contrário, na tentativa de mapear alguns importantes grupos, coletivos, artistas, mestres e fazedores de cultura na cidade de Duque de Caxias, compreender seus espaços de atuação e avaliar como esses indivíduos e coletivos têm contribuído para cidade.

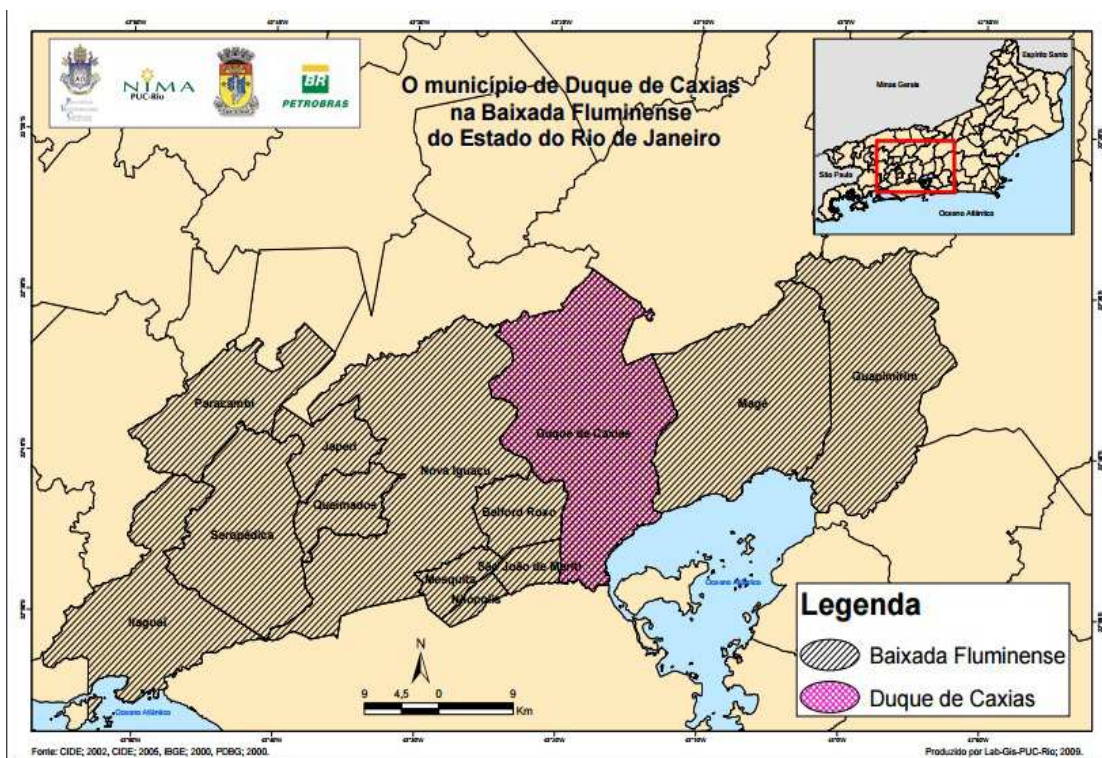
¹Beco do Rato é o nome popularmente atribuído a uma bifurcação na Av. Plínio Casado, no Centro de Duque de Caxias, uma viela de botequins bastante populares.

1. APRESENTANDO O TERRITÓRIO E ALGUMAS DE SUAS PRÁTICAS

1.1 Histórico formação da Cidade

Duque de Caxias é uma cidade da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) e - junto aos municípios de Belford Roxo, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica - integra a Baixada Fluminense.

Até o ano de 1943 as treze cidades que hoje formam a Baixada Fluminense faziam parte do então município de Nova Iguaçu que se dividia em nove distritos: 1º Nova Iguaçu, 2º Queimados, 3º José Bulhões, 4º São João de Meriti, 5º Bonfim, 6º Xerém, 7º Nilópolis, 8º Caxias, 9º Estrela.



Fonte: Mapa produzido pelo NIMA - Núcleo interdisciplinar de meio Ambiente da PUC RIO

Os primeiros registros sobre o território são datados por volta de 1567, após a fundação da cidade do Rio de Janeiro em 1565. As bacias dos rios Meriti, Sarapuí, Iguaçu, Inhomirim, Estrela e Magé foram ocupadas, e em suas margens nascem os primeiros portos de embarque. No século XVII, a região marca seu primeiro crescimento populacional, tendo sua densidade demográfica aumentada graças à formação dos

engenhos de cana de açúcar. Segundo o historiador Gênesis Torres, em entrevista ao site da Baixada marco inicial da colonização da região teria se dado na fazenda de São Bento, onde hoje funciona o Museu Vivo do São Bento, em Duque de Caxias.

Mais tarde o Ciclo do ouro seria o responsável pela criação de um novo caminho de ligação com a capital. A ampliação reverberou na criação de novos arraiais e crescimento para região, assim como as rotas fluviais do Rio Iguassú contribuíram para escoamento da produção de café, que garantia à região ainda neste período uma relação bastante rural, em um território de muitas fazendas e já iniciada uma ligação de passagem e comércio com a capital.

Com a revolução industrial inglesa e seus desdobramentos no “novo mundo”, foi construída a primeira linha férrea da região, a Estrada de Ferro Pedro II, hoje a linha Central do Brasil. A ferrovia rasgou a baixada, diferentemente dos caminhos que seguiam os meandros dos rios. Para a construção das ferrovias aterraram-se pântanos e brejos e desmataram-se florestas, de forma que a natureza sofreu grandes agressões. Foi também nesse período, em 1876, que iniciaram a construção da Estrada de Ferro Rio D’Ouro que tinha como objetivo o auxílio na construção de dutos para captar água das bacias fluviais fluminenses para a capital, a cidade do Rio de Janeiro.

Além das mudanças geográficas a linha férrea também gerou grande impacto na formação populacional da região, na segunda metade do século XIX, quando as ferrovias foram abertas para o transporte de pessoas. Em 1886 foi inaugurada a Estrada de Ferro Leopoldina Railway. A primeira concessão para uma estrada de ferro que, partindo diretamente da cidade do Rio de Janeiro, alcançava a região serrana de Petrópolis, a locomotiva passou a ser a melhor opção de transporte, o que consequentemente gerou um maior aglomerado de pessoas nas vilas próximas as estações de trem, que depois se tornaram importantes estações, núcleos do que depois viriam a ser as cidades de Nova Iguaçu, Nilópolis, Queimados, Japeri, São João de Meriti, Belford Roxo e Duque de Caxias.

É importante destacar como essa relação da Baixada Fluminense como um lugar de caminho ou abastecimento para a cidade do Rio de Janeiro já se estabelece na formação dessas cidades e se perpetua até os dias atuais. A água que abastece a capital ainda vem da Baixada Fluminense, assim como boa parte da mão de obra de trabalhadores da cidade.

O mesmo paralelo se faz como relação à importância do transporte ferroviário para os trabalhadores deste território. Analisando o breve histórico de formação dessas

idades percebemos que esta relação de importância e necessidade entre a população e o transporte ferroviário foi construída junto à formação das cidades, e, ainda mais, que o transporte ferroviário foi fundamental para formação geográfica das cidades, sendo um polo de aglomeração demográfica no período de formação dessas cidades que se mantém ainda hoje polo urbano central.

Esses eixos são centrais para compreendermos as disputas e subjetividades que envolvem o território e como ele está colocado atualmente, conforme discutiremos mais a frente.

Segundo o trabalho *Com a palavra o mate com Angu*, de Maria José Motta Golveia (2007, p 18).

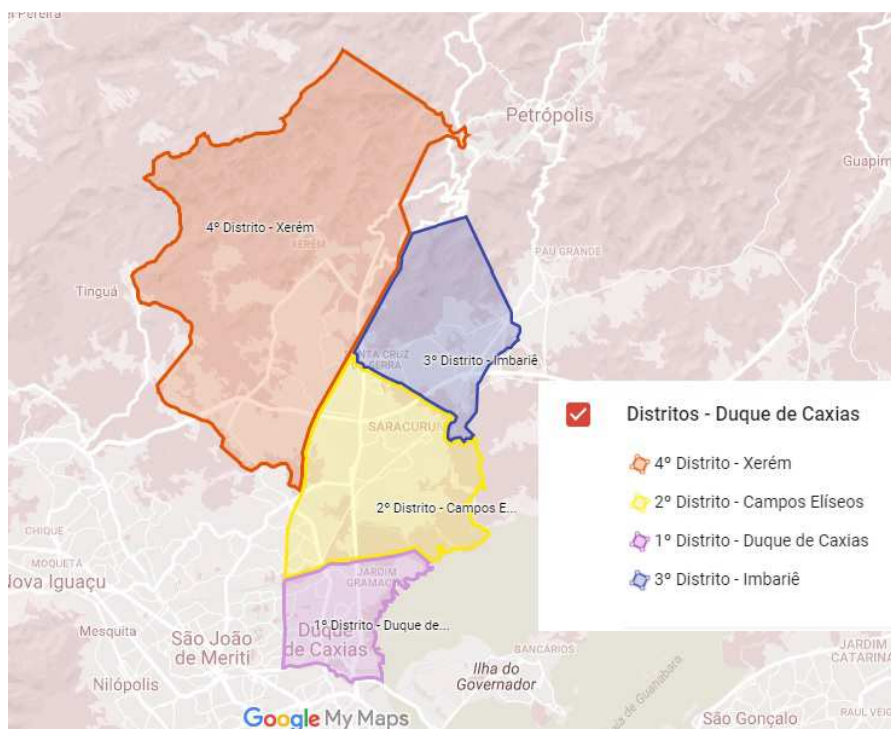
Em meados do século XIX, Meriti representava apenas um porto de escoamento de poucos produtos, dentre os quais a lenha e o carvão vegetal. Sua recuperação começou com o advento da estrada de ferro quando, sob a égide da “maria-fumaça”, fez surgir estações e novos povoados que se transformariam em populosas cidades. Foi já no início do século XX, que as terras da Baixada serviram para aliviar parte das pressões demográficas da Cidade do Rio de Janeiro, já renunciadas no “Bota Baixo” do prefeito Pereira Passos.

O que hoje compreendemos como município de Duque de Caxias, território acerca do qual se dedica este trabalho, teve um grande aumento populacional nesse período, chegando aos anos de 1940 com uma população que já beirava os 100.000 habitantes. Dado o grande volume populacional da então Vila Meriti, ainda nos anos de 1940, a proposta foi transformar a vila em distrito de Caxias, quando o território foi elevado ao 8º distrito de Nova Iguaçu.

Adiante, no ano de 1943 a cidade de Duque de Caxias foi emancipada de Iguaçu se tornando um município autônomo. Da emancipação até 1947, os prefeitos da cidade foram nomeados através de um Interventor Federal, sendo Gastão Glicério de Gouveia Reis o primeiro prefeito eleito através do voto popular, este governou de 1947 - 1950.

Emancipado em 1943, o município se constituiu em três distritos: 1º Duque de Caxias (antiga Caxias); 2º Meriti (atual São João de Meriti); e, 3º Imbariê (antiga - Estrela).

Em 1947 São João de Meriti se emancipa e a cidade segue dividida em apenas dois distritos até o ano de 1954, quando o distrito de Imbariê foi fragmentado, surgindo assim os distritos de Campos Elíseos e de Xerém, conforme se compreende a divisão territorial do município até os dias atuais.



Fonte: Mapa produzido pela autora a partir da ferramenta Google Maps

Atualmente o município é limítrofe às cidades de Miguel Pereira, Petrópolis, Magé, Rio de Janeiro, São João de Meriti, Nova Iguaçu e Belford Roxo. Segundo o IBGE² em 2014, tinha um PIB *per capita* de R\$ 32645,28. Na comparação com os demais municípios do estado, sua posição era de 28 de 92. O índice de Desenvolvimento Humano (IDH) na marca de 0,711.

No último Censo a marca era de 855048 habitantes, o colocando na posição 3 dentre 92 do mesmo estado. Em comparação com outros municípios do Brasil, fica na posição 18 dentre 5570. Sua densidade demográfica é de 1828,51 habitantes por quilometro quadrado, colocando-o na posição 8 de 92 do mesmo estado.

Em 2015, os alunos dos anos iniciais da rede pública do município tiveram nota média de 4,5 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 3,4. Na comparação com municípios do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava este município na posição 83 de 92. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava para 86 de 92. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14

² IBGE – retirado do sitio <http://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/rj/duque-de-caxias/panorama>

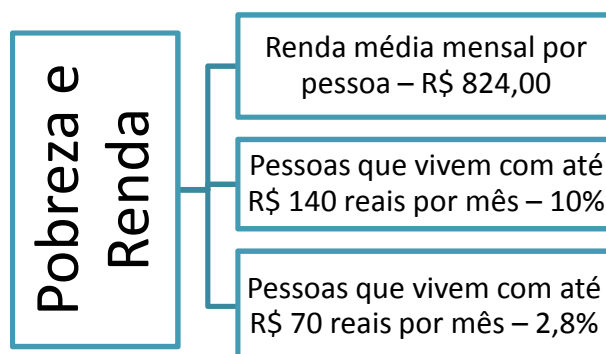
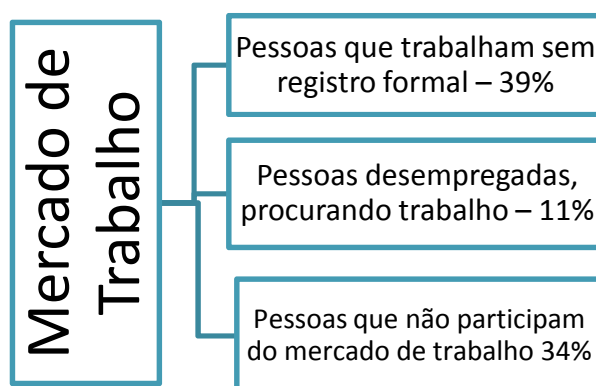
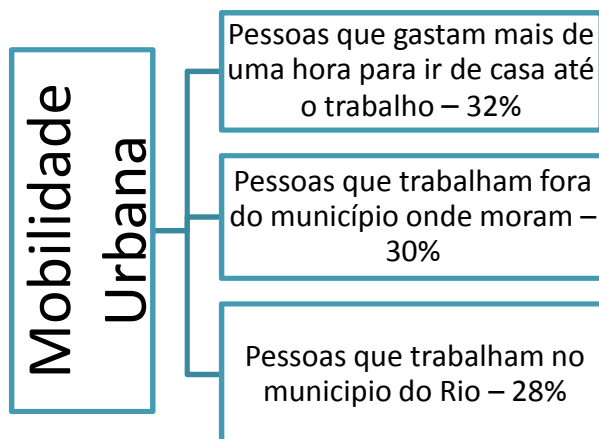
anos) foi de 96,1 em 2010. Isso posicionava o município na posição 85 de 92 dentre os municípios do estado

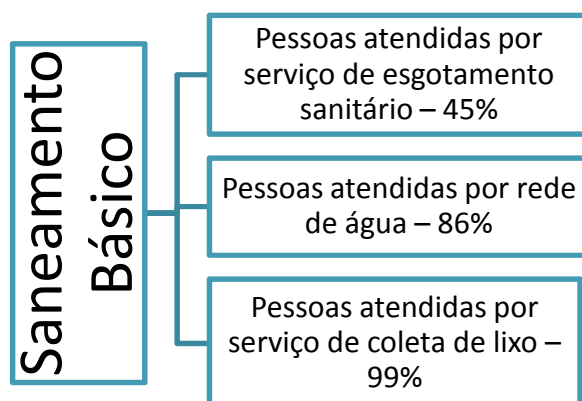
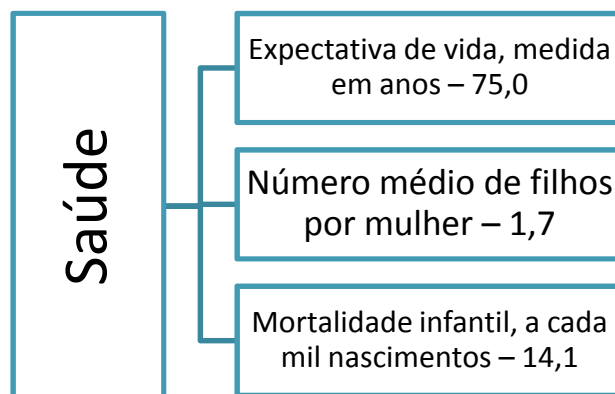
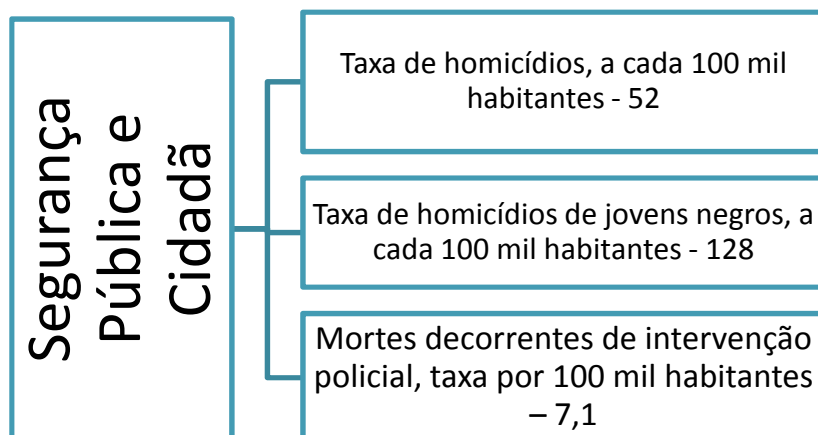


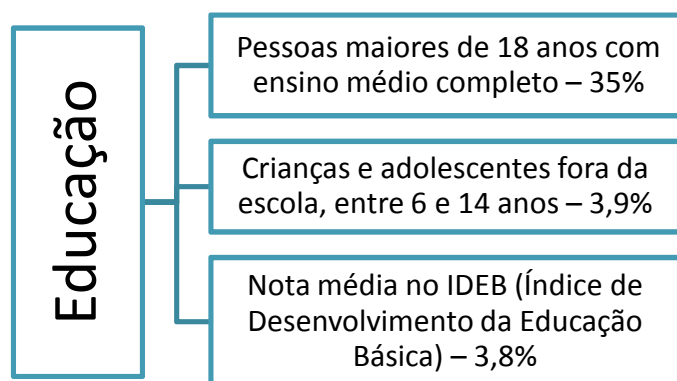
Fonte: Casa Fluminense –retirado do sitio <http://www.forumrio.org/mapas/mapa-desigualdade/>

O mapa da Desigualdade promovido pela Casa Fluminense com o propósito de direcionar um olhar metropolitano para questões transversais e entender a situação de cada cidade analisou 21 indicadores sobre sete temas-chave da realidade metropolitana do Rio de Janeiro, a saber: Mobilidade, Mercado de trabalho, Pobreza e Renda, Educação, Segurança Pública e Cidadã, Saúde e Saneamento Básico.

Os índices de Duque de Caxias nessa pesquisa também contribuem para que o leitor tenha uma compreensão mais totalitária sobre o território que vem sendo apresentado.







No livro *O Novo Carioca*(2012),Jaílson de Souza Silva em seu artigo "Um espaço em Busca de seu lugar" nos alerta sobre a valorização da ausência, e sobre a homogeneização como elementos definidores das favelas, presentes desde as primeiras formulações oficiais a respeito do fenômeno, e que os discursos estabelecidos aos espaços populares são majoritariamente definidos por suas ausências, uma consequência advinda do fato de que esses espaços não são reconhecidos como espaços legítimos.

Considerando a historiografia de formação da cidade, sabemos que Duque de Caxias é um município autônomo e emancipado desde 1943, o que descaracteriza o território do sentido de favela, mas é possível fazer um paralelo entre a política de homogeneização pela via da ausência, apontada porJaílson.

Se analisarmos os dados apresentados pelo IBGE, bem como os dados da pesquisa realizada pela Casa Fluminense em uma interseção dos índices colocados teremos como diagnóstico refletido um resultado complexo, que apresenta um município economicamente potente, sendo o segundo maior PIB do Estado e 18º município em arrecadação do país ocupando a posição de 52º lugar no IDH, com uma população de 886.917habitantes, o oitavo município com maior densidade demográfica do estado é o mesmo que tem 55% de sua população sem acesso aos serviços de saneamento básico.

Os dados se apresentam como grandes contrastes e falam de uma cidade economicamente rica e potente, mas ainda com grandes dificuldades de desenvolvimento social a serem superados. Nesse sentido, não é incomum que a cidade ganhe destaque na mídia formal em quadros que apontem os problemas de violência,

escassez de água e saneamento básico de seus moradores ou em escândalos de corrupção, essa construção de estigmas negativos sobre o território de Duque de Caxias e toda Baixada Fluminense, contribuíram para criação de uma atmosfera que rejeita outras construções e ignora outras narrativas sobre o espaço.

Nesse contexto, a política de homogeneização pela via de exaltação das ausências trazida por Jaílson se aplica também à cidade e ao que vamos discutir nesse trabalho, a construção de subjetividades negativas sobre um território popular e a necessidade de ressignificar esses espaços já consolidados para pensarmos novos usos deste mesmo território e suas dimensões. Compreendendo que o território constitui-se como uma instância mediadora entre passado e presente, pensar esse território por outros olhares é um processo de empoderamento discursivo que tem sido desenvolvido por boa parte das produções culturais locais, a tradução de uma subjetividade criada e uma força dialética para se colocar além do foco da ausência e alcançar novos postos de disputa e legitimidade sobre seu espaço e suas produções.

No livro *O Cerol Fininho da Baixada* Heraldo HB [Bezerra, 2013] temos uma boa descrição sobre os sentidos e as formas que essa produção simbólica pautada na falta e na carência do lugar reverberam na construção de um imaginário da cidade.

Poucas cidade no País sofreram tanto com estigmas quanto Caxias, praticamente um bullying midiático durante os anos. Primeiro nos tempos do lendário Tenório Cavalcanti, o Homem da Capa Preta, que foi um dos políticos mais conhecidos dos anos 1940 a 1960, responsável em grande parte por uma simbologia de faroeste caboclo na cidade. Figura polêmica que criou a mítica do cabra-macho protetor dos fracos, Tenório foi um dos deputados mais populares de sua época, sobre tudo pelos votos dos milhares de nordestinos que chegaram aqui nas ondas migratórias de 1940 a 1970.

Essa fama de Terra da pistologem foi aproveitada e ainda mais reforçada sinistramente nos anos da ditadura militar pela imprensa sensacionalista, que endeusava a ação do Esquadrão da Morte, do Mão Branca e afins, e folclorizava a cidade com requintes de mundo cão. O programa de rádio de avassaladora audiência, Patrulha da Cidade, por exemplo, chegava a ter um personagem, motorista da linha Caxias - Mauá, que entoava a crônica diária das tragédias e do abandono da cidade - Dallas City, Terra de Marlboro, "cidade onde a galinha cisca para frente", e daí por diante.

Além disso a cidade foi transformada em área de segurança nacional pelos militares, privada do direito do voto, administrada por interventores e prefeitos biônicos durante anos, tendo sua auto estima continuamente massacrada. Foi como se a soma disso tudo viesse o almagamando uma carga pesada no ser caxiense. O quadro mostrado explica um pouco por que Caxias teve um problema serio de identidade e amor-próprio durante muitos anos. Esse estigma foi devastador para gerações inteiras de caxienses, sobre tudo os jovens, que se sentiam inferiorizados como seres sociais, optando

pela omissão da informação do local de nascimento/ e ou simplesmente se mudando para o Rio. (BEZERRA, 2013, p. 24-25)

É importante destacar que a crítica a esse massacre midiático descrito por Heraldo ou a política de homogeneização dos lugares pela via da ausêncianão deve ser interpretada como um desejo de maquiagem ou minimizar as desigualdades que permeiam este território, afinal uma visão idealizada seria igualmente danosa para construção da cidade como um espaço de relações significativas. Porém o questionamento se faz diante da hipervalorização dos problemas, culminando na criação de imaginário folclorizado sobre o território.

À vista disso, apesar de considerar que os símbolos e estigmas ligados à violência e à escassez de serviços sociais básicos tenham sua origem em configurações reais, que revelam importantes dimensões deste território apontando para um descaso do Estado que deve sim ser denunciado, considero que estes já são pontos demasiadamente explorados na habitual caracterização da cidade, que aqui não nos interessa reforçar.

Minha opção passa por pensar a centralidade da cultura e seu potencial de produção simbólica. Nesse contexto, em que é natural saber tão pouco sobre a própria história, em um território quase sempre classificado como igual por seus aspectos pejorativos, lembrado e legitimado por suas ausências, não parece casual o cunho diversas vezes marginal que é atribuído aos grupos artísticos e culturais locais, tão pouco as dimensões sociais e políticas atribuídas às manifestações culturais que muitas vezes desenvolvem relações com a produção de identidade e pertencimento, é sobre essas disputas e deslocamentos que falaremos adiante.

2. PRODUÇÃO CULTURAL EM DUQUE DE CAXIAS

2.1 Uma cidade de experiências Culturais

Em contraposição com essa produção da violência acho que há uma multiplicidade de fenômenos de baixo que a gente não dá importância porque a gente dá mais importância à questão da violência, os jornais falam da violência, têm bairros mal falados porque têm violência. Mas, as outras formas todas de manifestação que são propriamente culturais que não aparecem com essa aura de cultura, que é reservada, digamos assim, a parcelas já privilegiadas. Os outros fazem outras coisas, a gente não admite dizer imediatamente que o que eles fazem é cultura. Porque o que eles fazem é cultura e é política ao mesmo tempo, né? (SANTOS *apud* TENDLER, s/d)

No capítulo anterior apresentamos o território de Duque de Caxias a partir de uma pequena historiografia de formação da cidade, através de dados e pesquisas que pudessem garantir ao leitor uma compreensão mais ampla desse território e suas dinâmicas.

Agora, em outro momento gostaria de convidar o leitor a conhecer esse mesmo território por outro ponto de vista, gostaria de convidá-los a imaginar as ruas do centro de Caxias borbulhantes de pessoas já às 09h da manhã, a temperatura média de 27° C no inverno ou os quase 50° C do verão, imagine as caixas de som do comércio local tocando Anita, Ludmila, Bruno Mars e anunciando as melhores promoções da região. Imagine todo o caos da metrópole, a Praça do Pacificador em frente à estação de trem e lá o Complexo cultural Niemayer, o Teatro Raul Cortez e a Biblioteca Leonel de Moura Brizola, os grupos de dança que ensaiam ao ar livre na praça todas as tardes, a turma dos patins reunida e os meninos descendo a rampa do teatro de skate.

Se não houver pressa, aguarde pelo “Samba do Pacificador”, que acontece na primeira segunda-feira do mês e pelas rodas de capoeira que rolam na praça no domingo, ou a “Cypher” (evento de hip hop) toda última sexta-feira do mês. Se esforce e verá em poucos metros o Teatro Armando Mello, perdido na confusão do Shopping Center e seu Terminal Rodoviário, que leva trabalhadores às mais diversas regiões, ônibus para o Estácio, Petrópolis, Central do Brasil, Madureira, Pau Ferro, Itaguaí, Nova Iguaçu, São Paulo e Jacarepaguá, tem para quase todo lugar.

Suba o viaduto, passada a entrada da favela do Lixão, e veja o Teatro Procópio Ferreira, fechado há tantos anos. Ali bem pertinho, próximo ao hospital infantil faça uma passagem pelo Goméia Galpão Criativo – primeiro *coworking* cultural da Baixada. Siga adiante e passe pelo SESC Caxias, retorne pela rua de trás onde termina a feira de domingo, a segunda maior feira livre do estado. Nela tem o acarajé da Jô, carne de sol, objetos usados e novos, pastel e todos os encontros dominicais. Olhe bem para as pessoas: as senhoras carregando seus carrinhos, as famílias comendo e o trio de forró que fica na esquina da Secretária Municipal de Educação sobre o comando de seu Agripino. Desça até o fim da rua e conheça o teatro do SESI, que tem importante função por aqui. E se subir a rua outra vez chegue lá na Praça Roberto da Silveira e dê uma passada pelo Museu Ciência e Vida, que anda meio abandonado pelo estado.

Não desiste que ainda tem mais! Desça a rua e passe n'O Velho Mestre e você pode beber uma cerveja artesanal produzida na cidade ou mesmo outras de fora. Seguindo a boemia, passe pelo Soma Hub, porque lá tem uma galera jovem gerindo um espaço bacana, com dance hall, sarau e outras coisas mais. Se for mais tradicional continue descendo, passe pela universidade UNIGRANRIO e chegue ao bar do Zeca, conhecido de forma irreverente como a Lapa de Caxias. Por ali tem bar de todos os tipos, universitários, patricinhas, cults, roqueiros, punks, tudo misturado com som alto, gestos largos, cores fortes, trânsito congestionado e todo o caos de uma grande cidade. Imagine e talvez você consiga se aproximar um pouco da cidade de Duque de Caxias que estou me referindo.

Adiante, passe pela Praça Humaitá, entre à esquerda e suba as ruas da Comunidade da Vila Operária; nessa favela é realizado o maior evento de grafite voluntário do mundo, o “Meeting of Favela”, que reúne grafiteiros de todos os lugares que você pode imaginar. Os muros das casas, as ruas pintadas e o fusca grafitado da esquina podem te contar essa história. E se seguir por esse trajeto, no alto da caixa d'água, o leitor encontrará a Egrégora, evento de hip hop com batalha de rima.

Outra opção é descer pelo Beira Mar, comer um pastel no Pepé e depois seguir por trás do Caxias Shopping, então, é possível pegar a rodovia Washington Luiz na BR 040 e passar pelo Rei do Bacalhau, que quem diria, fica em Duque de Caxias. Seguindo em direção ao retorno, rumo ao segundo distrito, na rodovia você passa pela entrada dos bairros da Vila São Luiz à esquerda e Jardim Gramacho à direita, mais adiante passam

também os bairros do Sarapuí, Campos Eliseos, Pilar, Cidade dos Meninos, Jardim Primavera, e pode acreditar, cada bairro apresenta uma particularidade, que se agrega de forma única à cultura da cidade.

Um município com as dimensões de Duque de Caxias permite olhar a cidade por diferentes pontos de vista, afinal, são muitas narrativas diferentes entre os bairros Vinte e Cinco de Agosto e Pilar ou entre os bairros Taquara e Centenário.

Se iniciássemos o percurso pelo terceiro ou quarto distrito outras histórias seriam reveladas e nosso quadro seria diferente. Passaríamos pelos pequenos e efervescentes centros comerciais, que se aglomeram próximos às estações de trem, pelas feiras livres dos bairros, e sentiríamos a temperatura mais amena, poderíamos ver as montanhas no horizonte, mais casas e menos prédios. Estaríamos mais próximos da Serra, e os ônibus mais escassos, muitas bicicletas pelas ruas e os bicicletários cheios nas estações de trem. O asfalto coberto por uma camada de poeira de barro em algumas ruas transversais. Você poderia passar pela Calçada da fama em Santa Cruz ou fazer uma trilha nas cachoeiras de Xerém, visitar a Casa Brasil em Imbariê ou a Biblioteca Pública da Taquara, e assim, uma outra rota de cidade se revelaria.

É preciso percorrer outro caminho para olhar a cidade e compreendê-la como centralidade, não como periferia. É preciso desalienar o olhar para criar outras perspectivas, que incorporem e valorizem as relações do território, capazes de apontar novos sentidos ao lugar e ressignificara espacialidade já consolidada. Segundo Santos, (2009, p. 81)

Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é sede de uma vigorosa alienação, mas o homem, um ser dotado de sensibilidade, busca reaprender o que nunca lhe foi ensinado, e vai pouco a pouco substituindo a sua ignorância do entorno pelo conhecimento, ainda que fragmentário. O entorno vivido é lugar de uma troca, matriz de um processo intelectual.

É nesse sentido que aponto a produção cultural em Duque de Caxias como um eixo central para construção de novos sentidos e narrativas sobre o território. Precisamos compreender o espaço como um lugar de relações, de práticas e experiências, e, por conseguinte, legitimar as práticas e os indivíduos que produzem essas relações, pois é a cultura, fruto das relações e dos usos espaciais, que nos garante a

consciência de individualidade e cria um sentido de pertencimento do território em questão.

Em espaços marginalizados, como as periferias e metrópoles do Rio de Janeiro construir essas relações se torna mais difícil, tendo em vista, que a história exaltada faz referências às práticas estabelecidas na capital, e é interessante pensar que os estigmas pejorativos, a invisibilidade e subalternização da qual falamos como um ponto chave e do qual não se pode descontextualizar, não se dá apenas de fora para dentro. O mais perigoso da produção de significados é que elas se naturalizam e nesse sentido as mesmas reproduções também se dão de dentro para fora. Isso quer dizer que a invisibilidade do território não se dá apenas nas dimensões externas, mas também dentro de seus limites, sendo necessário, por tanto, que os atores criem novas dinâmicas e disputem outras formas de legitimação e apropriação de seus espaços e fazeres.

É imprescindível reconhecer as pessoas e olhar para o espaço profundamente, não como forasteiro ou imigrante, mas olhar a cidade e compreendê-la como centralidade, não como um espaço de passagem, mas sim como um território que conta suas histórias, capaz de transformar suas experiências em ações. Compreender uma cidade dessa dimensão em sua totalidade não é um processo simples, e tão pouco é pretensão deste trabalho, afinal cada beco e cada viela nos conta uma história, os corpos nos contam histórias e o território segue se transformando sempre a partir de seus usos e práticas, em uma relação dinâmica e diária.

Dito isto, é bom esclarecer que não tenho aspiração de colocar este trabalho como uma visão generalista sobre uma cidade tão complexa e tão extensa demograficamente, dividida em quatro distritos e morada de tantos indivíduos. É preciso reconhecer que este trabalho só da conta de analisar e compreender parte dos grupos culturais ativos na região e por tanto apenas parte das práticas que se desenvolvem e formam este território.

2.2 A produção Cultural em Duque de Caxias, práticas e táticas.

Quando se faz parte de algo é difícil identificar apenas os pontos considerados essenciais e à medida que tudo parece importante se torna ainda mais difícil o exercício de traçar um perfil sobre um campo tão complexo, cheio de curvas, cores e sentidos. Sem dúvidas uma cidade com a dimensão geográfica edemográfica de Duque de Caxias

nos sugere diversos aspectos a serem analisados, e por consequência, diversos perfis poderiam ser adotados. Contudo, se faz necessário traçar um caminho, um percurso comum que nos conecte com o cenário da produção cultural local.

Acreditando que o melhor caminho seria observar as produções do território, mapeamos os eventos, instituições, artistas e agentes culturais dispostos na cidade e analisamos o que esse quadro nos revela. No intuito de compreender como essa produção vem sendo realizada. Sobretudo, interessa-nos analisar, mapear e compreender as dinâmicas de uma produção cultural praticada em um território periférico e pontuar as principais táticas³ utilizadas pelos grupos locais, e principalmente, atentar ao discurso e às disputas que estão em jogo neste cenário.

Diante do cenário local e suas produções, realizamos um mapeamento a partir dos seguintes eixos: 1- Grupos e agentes culturais 2- Bibliotecas comunitárias, 3- Equipamentos culturais, 4- Eventos – Festivais, Mostras e Saraus, 5- Culturas tradicionais.

Ao longo do processo de pesquisa uma diversidade cultural, um território vivo e em plena produção cultural se apresentou. Grupos de culturas tradicionais como as Folias de Reis e a Capoeira, Blocos carnavalescos e Blocos Afro, Fanfarra, Cineclubes, Orquestra, Artistas visuais, Festivais de teatro, Festivais de rock, Festivais de Dança, Mostra de palhaçaria, Feiras de artesanato, uma forte Produção literária, Cultura hip hop, entre tantas outras expressões. Tudo acompanhado de muita tática, improvisos e novas maneiras de apropriação dos espaços (como descrito por alguns grupos).

Resistência, rede, inventividade, colaboração, coragem, identidade, pertencimento, política, são palavras trazidas por agentes culturais ao longo da pesquisa e nos ajudam a perceber que, para além da produção artística e das manifestações culturais, a produção cultural na cidade está ligada a prática de existir, de criar sentidos e significados e de pensar o próprio espaço, e também, na reflexão acerca da relação desses sujeitos com o mundo.

³ Estarei utilizando o termo *táticas* na perspectiva que o autor Michel de Certeau (1990) lhe atribui, ou seja formas como as pessoas conseguem produzir para se contrapor a questões e normas normalmente definidas por entes governamentais e/ou hegemônicos (que o autor denomina de *estratégias*).

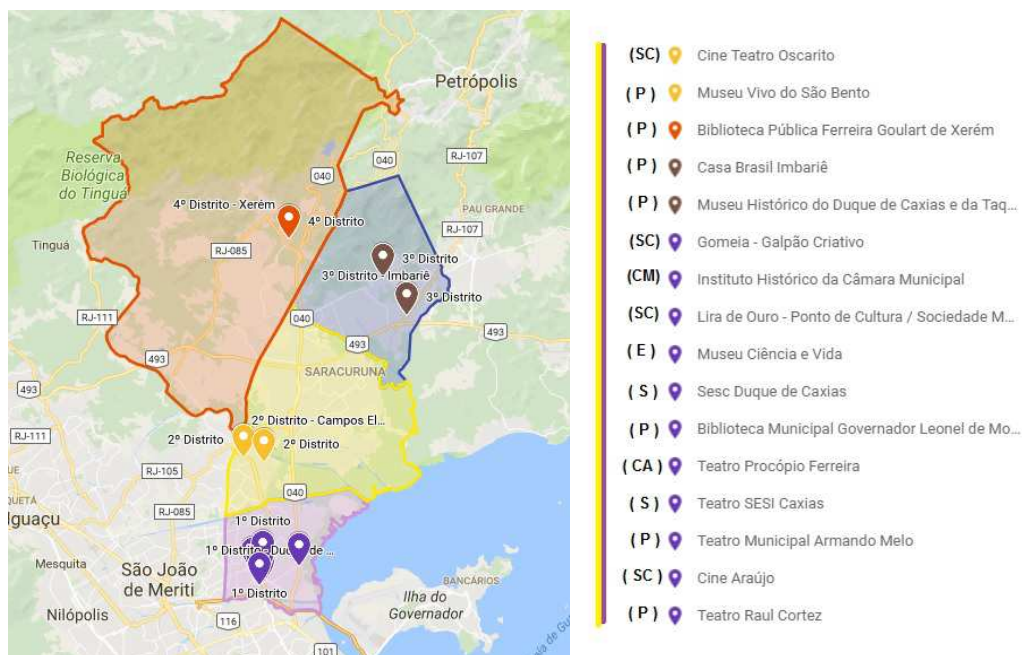


Fonte: Esquema produzido pela autora.

O primeiro aspecto analisado foi em relação aos equipamentos culturais situados no município. Foram usados como base para a pesquisa trabalho de campo, o *Mapa de Cultura do Estado do Rio de Janeiro* (site oficial da Secretaria Estadual de Cultura) e o site *Lurdinha para estômagos fortes*. O site da atual Secretaria Municipal de Cultura se encontra em construção, por esse motivo não foi possível encontrar informações sobre os equipamentos culturais do município por este canal, ou agendar reunião presencial com a atual gestão.

Consideramos como equipamentos culturais, os espaços que estão de acordo com o conceito estabelecido pela normativa do Plano Nacional de Cultura, que compreendem locais de trocas e de disseminação da cultura: museus, teatros, salas de espetáculos, arquivos públicos, centros de documentação, cinemas e centros culturais.

Foram mapeados dezesseis equipamentos culturais ativos, dentre eles dois do sistema S, um ponto de cultura gerido pela sociedade civil, um *coworking* gerido pela sociedade civil, um cinema com seis salas gerido pela iniciativa privada e um Cine-teatro gerido pela sociedade civil. Dentre os dez equipamentos de gestão pública, três são geridos pela Sociedade Civil (SC), sete estão sob a gestão da Prefeitura (P), dois sob a gestão da Câmara Municipal (CM) e um sob a gestão do Governo do Estado (E), conforme indica o mapa a seguir:



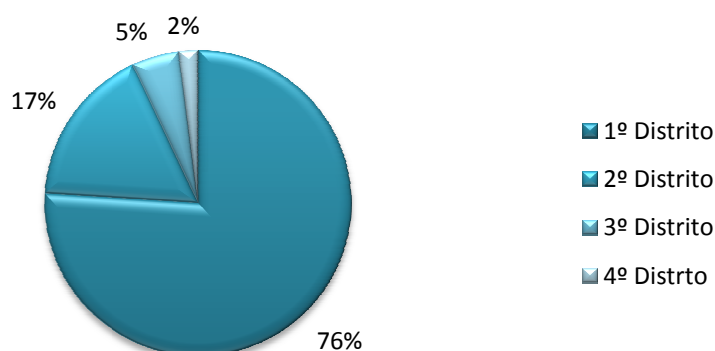
Fonte: Mapa criado pela ferramenta mymaps.google, retrabalhada pela autora.

O mapa aponta uma grande centralização dos equipamentos culturais no primeiro distrito, que abriga onze dos dezesseis equipamentos mapeados. O segundo e terceiro distrito seguem com dois equipamentos culturais cada e o quarto distrito com apenas um equipamento cultural.

A mesma questão se repete quando analisamos os grupos culturais da região, as áreas de atuação são majoritariamente o primeiro distrito, seguido de algumas ações no segundo distrito e raras atividades nos bairros do terceiro e quarto distrito.

Segundo o Relatório final do Programa de Gestão Cultural do Teatro Raul Cortez, elaborado pelo LABAC- Laboratório de Ações Culturais da UFF, após a gestão do equipamento (o teatro) entre os anos de 2006 / 2008, o público oriundo do primeiro distrito representou 76% do público total do teatro, e somado aos 17% do público do segundo distrito totalizaram 93% do público frequentador do teatro, tendo apenas 5% de frequentadores do terceiro distrito e 2% de frequentadores do quarto distrito.

Público do Teatro Raul Cortêz por distrito 2006 - 2008



Fonte: Gráfico retirado do Relatório Final do Programa de Capacitação e Gestão Cultural do Teatro Raul Cortêz, produzido por LABAC – UFF.















Tal centralização merece atenção e nos revela dados importantes sobre a circulação cultural na cidade. Se considerarmos a extensão territorial do município em questão, e a alta taxação do transporte público na região metropolitana do Rio é natural que o público do terceiro e quarto distrito, principalmente, tenham o acesso restringido. Podemos concluir que o acesso aos equipamentos culturais é precário, contribuindo para uma distribuição desigual e pouco democrática da cultura no município.

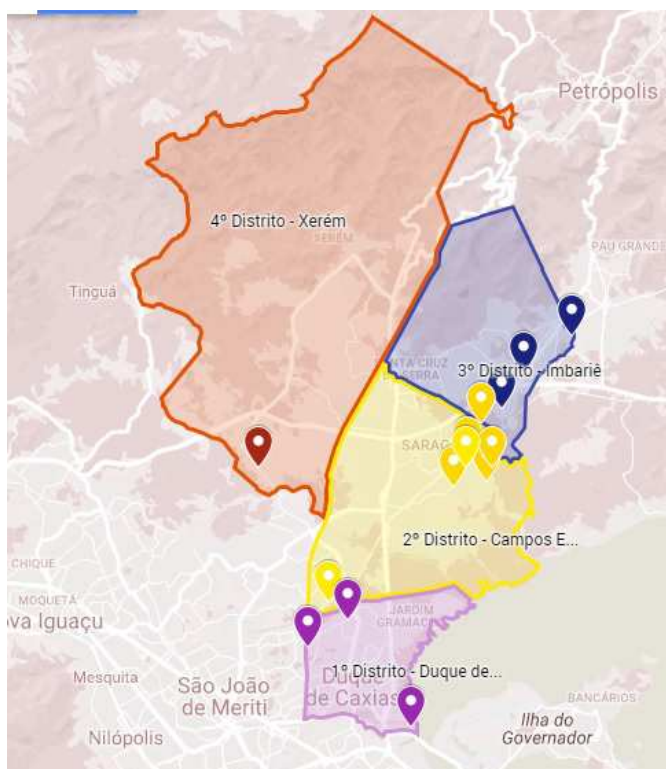
Porém, se por um lado à centralização dificulta o acesso, por outro lado acaba por estimular novas formas de produção. Táticas, apropriações e usos do espaço urbano surgem como linguagem e como expertises criativas para as práticas culturais. Contrariando a ordem política instaurada surgem novos atores sociais como protagonistas de suas próprias histórias, capazes de romper com a lógica imposta e criar alternativas de ocupação e criação para os seus trabalhos.

O uso dos espaços públicos, praças e ruas e outros arranjos se fazem presentes na lógica de operação cultural da cidade como um todo e ganham ainda mais força no segundo e terceiro distrito, do município. Destacamos a atuação de alguns grupos como, Rede de Bibliotecas Comunitárias, Circuito de Saraus Caminho do Poeta, Coletivo Fala e Cia Artística Sol sem Dó, que mesmo mantendo a singularidade de suas ações e linguagens lançam mão de táticas em comum, como o trabalho em redes de

colaboração, a ocupação de espaços públicos e a relação de pertencimento com a cidade.

As Bibliotecas comunitárias pertencem a um dos grupos mapeados e ganham destaque na pesquisa pela importante função social e cultural que desempenham no município, com grande atuação em bairros do segundo e terceiro distrito, se estabelecendo como um espaço físico de apoio cultural e social em suas comunidades e como grandes estimuladoras e mediadoras de leitura, fomentando novos leitores e escritores.

-  Biblioteca Comunitária Nossa Senhora dos Mártires
-  Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato
-  Biblioteca Comunitária de Vila Aracy
-  Biblioteca Comunitária Fonte do Saber
-  PROFEM
-  Grupo Comunitário Chocobim
-  Igreja Ortodoxa Nossa Sra. da Neves e São Lazáro
-  Biblioteca Comunitária Solano Trindade
-  Biblioteca Comunitária Hilma de Oliveira Damásio
-  Biblioteca Comunitária Edgard Fernandes de Souza
-  Biblioteca Comunitária Pastor Antonio Lugon Mulim
-  Biblioteca comunitária Ivanilda da Silva Oliveira
-  Biblioteca Comunitária do Apadrinhe Um Sorriso - Parque das Missões
-  Biblioteca Comunitária Clodomiro de Oliveira



Fonte: Criado pela ferramenta my maps no google, retrabalhado pela autora.

Foram mapeadas ao todo quatorze bibliotecas comunitárias no município, três unidades no primeiro distrito, sete unidades no segundo distrito, três unidades no terceiro distrito e uma unidade no quarto distrito.

Vale destacar a ação do Polo de Leitura – Tecendo uma Rede de Leitura. Tal ação foi proposta por atores da sociedade civil, que serviu como grande impulsionadora para criação da Rede de Bibliotecas Comunitárias de Duque de Caxias e para crescimento no número de bibliotecas comunitárias no município, visto que, o mapeamento revela um aumento exponencial na criação de bibliotecas comunitárias após a atuação deste polo em 2012.

Assim como as bibliotecas, os Saraus também optaram por uma prática de rede. Em 2015 o Circuito Caminho do Poeta apresentou um percurso diversificado de Saraus na cidade. A ação fruto da iniciativa coletiva de diversos grupos produtores foi capitaneada pela Virtú Produções e representa um momento de muita efervescência cultural e grande necessidade de encontros entre os fazedores de cultura da região.

Enquanto os encontros aconteciam de forma isolada os eventos não tinham a mesma força aglutinadora de pessoas, então a rede se coloca como uma força tática de fortalecimento entre os grupos, capaz de legitimar as ações, gerando mais força e alcance para cada evento. Uma tática que parte da relação do individual para o coletivo e do coletivo para o individual.

Virtú Produções
apresenta

Caminho do
POETA

Circuito de
Saraus de
Duque de Caxias

programação:

- 19 de abril - Terração
- 26 de abril - Sarau Corujando
- 01 de maio - Homenagem ao Menestrel João de Deus
- 02 de maio - Jameleira Literária
- 10 de maio - Poetize Lira (Lira de Ouro)
- 13 de junho - Sarau "Caminho do Poeta" - Festa Literária

mapa:

realização:

maiores informações:
virtuprodutora@gmail.com - 21 97686-5940

Fonte: Acervo do grupo

Apesar do Caminho do Poeta não ter continuidade enquanto circuito, o movimento se configurou como uma rede de apoio entre os grupos produtores de Saraus na cidade. Mesmo não atuando mais enquanto circuito, os elos promovidos pela rede se tornaram um vetor, um impulsionador de ações capaz de gerar maior visibilidade para as práticas dos saraus, e conseqüentemente, de seus sujeitos.

É importante destacar que os Saraus foram muito citados ao longo da pesquisa, como um espaço importante para maturação de discursos, troca, experimentação e fortalecimento das redes de afeto entre os agentes culturais. Para alguns atores mapeados os saraus foram os primeiros espaços de experiências artísticas, a princípio como público e adiante como artistas e produtores culturais, cumprindo uma importante função na produção local.

O Coletivo Fala se apresenta como Fábrica de Apoio a Linguagem Artística, um nome bastante ousado e que se relaciona bem com a prática do coletivo, um grupo em maioria formado por jovens moradores dos bairros limítrofes entre as cidades de Duque de Caxias e Belford Roxo, a saber: Parque Fluminense, situado em Duque de Caxias e Lote XV, situado em Belford Roxo. Tais bairros são bastante marginalizados, pois sofrem pela carência de serviços públicos por parte das duas prefeituras.

O Coletivo inicia suas atividades com a “Feira do TrocaTroca”, feira literária que ocorre no Lote XV, em Belford Roxo, na Praça Jorge Pinheiro. O evento tem como características um espaço disponível para troca de livros e estímulo à leitura, apresentando uma programação que conta com artistas de diversas linguagens, da música às artes visuais, performances e teatro. A grade de programação é diversificada a cada edição, mesmo sem pagamentos de cachês. A rede de permuta e troca com outros grupos é o que garante essa lógica de formação.

Atualmente a Feira promovida pelo referido coletivo acaba se desenvolvendo como um importante espaço de diálogo entre seus frequentadores, e ainda, entre os frequentadores e o território em que estão inseridos.

Cabe ressaltar que o coletivo consegue a proeza de deslocar o público de outros territórios para o evento, chegando a reunir até 500 pessoas por edição.



Fonte: Acervo do grupo

O coletivo também passou a realizar o Rap Free Jazz, um evento que mistura a batalha de rima do hip hop com o improviso musical do jazz, realizado mensalmente no Bairro do Parque Fluminense em Duque de Caxias, em frente ao CIEP 201, além de atuar na promoção de intercâmbios e oficinas entre grupos culturais.



Foto RapFreeFazz – MC Beta.

Fonte: Acervo do grupo

É importante destacar o tom de organização quase anárquico do Coletivo, que não tem uma liderança estabelecida, mas trabalha junto para realização de seus eventos, bem como o tom político transgressor presente nas colocações e provocações trazidas pelo coletivo e pelos jovens que frequentam seus eventos.

Encontros como a Feira do TrocaTroca e o Rap Free Jazz se tornam espaços de convivência importantes, sobretudo para a juventude local, que encontra nesses núcleos um ambiente propício ao exercício discursivo e a apropriação da cultura e do fazer artístico, que se constituem como alicerces importantes para a construção da cidadania desses sujeitos.

No que tange a linguagem de artes cênicas, destacamos a Cia Artística Sol sem Dó, que vem desenvolvendo sua linguagem artística a partir da ocupação de praças da cidade e das relações estabelecidas na rua. O Grupo tem como principal pesquisa a palhaçaria e desenvolve ações regulares nos trens da Supervia, especialmente no Ramal de Gramacho e nos bairros da Vila São Luiz e Centenário, onde ocupam respectivamente, a Praça da Bandeira e o Largo Januário, Rei do Feijão.

Na Praça da Bandeira, situada na Vila São Luiz o grupo apresenta espetáculos regulares e já recebeu artistas de Minas Gerais, São Paulo, Duque Caxias e Rio de Janeiro, sempre pautados e amparados pela perspectiva de fortalecimento das redes para produzir esses intercâmbios.

No Centenário, o Largo Januário, Rei do Feijão é ocupado pelo grupo desde 2015, onde a CIA realiza ações de revitalização do espaço por meio de eventos culturais, como: o Sarau TerrAção, a promoção de oficinas artísticas e de eventos de recuperação do espaço físico da praça, com ações de limpeza, coleta de lixo, plantação de mudas e a realização de grafites. Abaixo fotos do referido Largo antes e depois da revitalização.



Fonte: Acervo do grupo



Foto da Praça durante o evento Sarau Terração, promovido pela Cia Artística Sol sem Dó.

Fonte: Acervo do grupo

A ocupação das ruas como um espaço democrático e alternativo, os eventos que tem a sua programação estabelecida de forma colaborativa e a prática de contatos através da rede constituem um perfil comum, que permeia as produções realizadas na cidade. O diálogo entre os produtores também é forte, bem como a produção de significados sobre o território. A produção artística se mostra bastante conectada com a discussão sobre o espaço e a autoestimado território, desta forma, a construção de novas narrativas para o território está presente na produção desses grupos.

Segundo Stuart Hall, (1997, pág 17)

A expressão “centralidade da cultura” está ligada a forma como a cultura penetra em cada recanto da nossa vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo. Ela é um elemento chave no modo como o meio ambiente doméstico é atrelado, pelo consumo, às tendências e modas mundiais.

Esses grupos estão disputando essa centralidade de cultura e rejeitam um diagnóstico posto, criando novas narrativas sobre seus espaços e suas produções.

No âmbito das políticas públicas, a produção cultural, vista de forma territorializada, tem muito a nos ensinar e pode gerar grandes contribuições para a formação de cidades como espaços praticados. No caso das metrópoles, esse tipo de produção, se amparada pelas políticas públicas, poderia nos ajudar a construir

representações mais significativas para os territórios, com maior autoestima, senso de cidadania e pertencimento sobre os espaços.

Em Duque de Caxias tomamos a Casa Brasil de Imbariê, como forte exemplo sobre os benefícios e alcances de uma gestão pública territorializada. O espaço até então pouco reconhecido pela população local ganhou vida e aumentou o alcance de atuação, após uma gestão que foi capaz de dialogar com a comunidade local para reconhecer suas potências e fragilidades, e assim, desenvolver melhores formas de atuação, conforme trataremos no capítulo a seguir.

3. GESTÃO DE CULTURA TERRITORIALIZADA – ESTUDO DE CASO SOBRE A CASA BRASIL DE IMBARIÊ.

3.1 Caracterização do Território

Observamos ao longo da pesquisa, através do mapeamento realizado e das falas de agentes culturais locais, que uma das principais demandas da área cultural na cidade é sem dúvida o aumento na oferta de atividades culturais e artísticas no segundo, terceiro e quarto distritos.

Nesse sentido a Casa Brasil de Imbariê se apresentou com uma excelente opção para estudo de caso. Um espaço adequado para análise de alguns pontos chaves que tem permeado essa pesquisa, como a relação da cultura na construção de cidades vivas e afetivas, e ainda na contribuição para análise sobre o que vamos chamar de gestão cultural territorializada.

Antes, cabe contextualizar que o distrito de Imbariê, terceiro distrito de Duque de Caxias, engloba os bairros de Barro Branco, Imbariê, Nova Campinas, Parada Angélica, Parada Morabi, Parque Paulista, Parque Equitativa, Santa Cruz da Serra, Santa Lúcia, Taquara e Jardim Anhangá. Perímetro destacado em azul no mapa a seguir.



Fonte: Mapa feito pela autora através da ferramenta mymaps do google.

O território abriga o Parque Natural Municipal da Taquara, um importante espaço de preservação ambiental na cidade que vem sendo pauta de disputas e debates

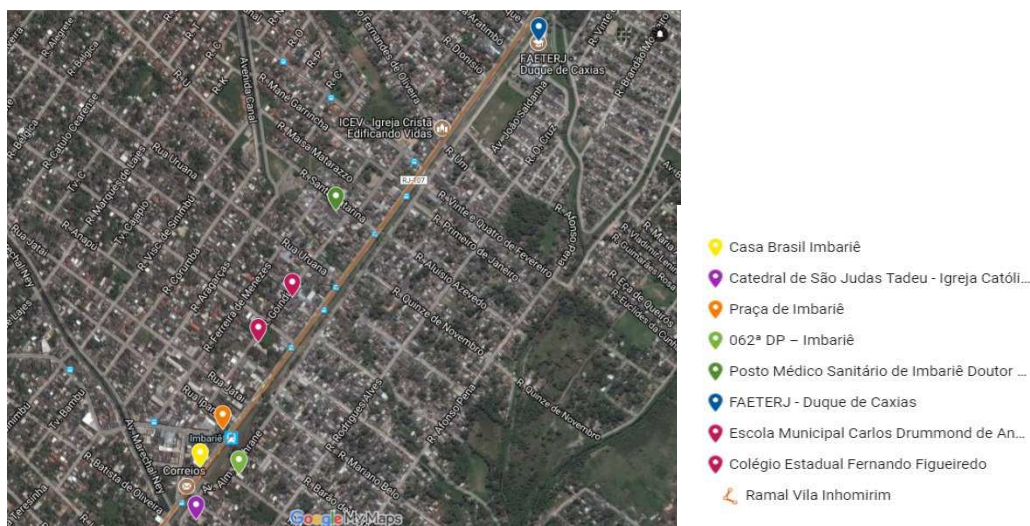
importantes do ponto de vista de sua preservação, mas que não iremos nos aprofundar neste trabalho.

A área também é composta por alguns dos bairros mais violentos do município, dominados pelo tráfico e pelas milícias, que têm sofrido com aumento exponencial de violência nos últimos anos.

O distrito também enfrenta sérios problemas relativos ao transporte público, o ramal de trem da Vila Inhomirim, que liga Saracuruna à Raiz da Serra, opera com horários irregulares, e ainda hoje, com trens Maria Fumaça. O transporte rodoviário também não é favorável para essa parte da cidade, pois o cidadão paga uma tarifa muito alta para circular dentro do próprio município, o que dificulta a mobilidade urbana desses sujeitos.

Os moradores que trabalham no Rio chegam a enfrentar até três horas de viagem em seus deslocamentos diários. Um ponto fundamental para analisarmos o tempo disponível à fruição de cultura e lazer nessas áreas, bem como um eixo norteador para pensarmos ações que facilitem o alcance e a distribuição cultural a essa parcela da população.

Nosso objeto de estudo, a Casa Brasil, está situada no Bairro de Imbariê, conforme apresenta o mapa a seguir:



Fonte: Mapa produzido pela autora.

Localizada próximo à praça central do bairro, a Estação Imbariê do Ramal Vila Inhomirim, o equipamento está em uma área central do terceiro distrito. No entorno

estão localizadas a Paróquia São Judas Tadeu, escolas municipais e estaduais, e ainda, o campus da FAETEC de Imbariê, um importante equipamento educacional que hoje abriga a primeira faculdade pública do 3º distrito de Duque de Caxias.

3.2 A implementação da Casa Brasil.

A Casa Brasil faz parte de um edital nacional, via CNPq, lançado em 2005, ainda no governo Lula (2003 - 2010) como parte de uma agenda de políticas públicas voltadas para democratização da comunicação, inclusão digital e social, conforme explicitado no edital do programa em anexo a este trabalho.

No período em questão foram destinados R\$ 20 milhões do orçamento geral da União para implementação de 89 unidades da Casa Brasil no país, além de outras 50 organizadas pela Petrobras.

A previsão era que as unidades tivessem tele centros comunitários, com 20 computadores conectados à internet, com software livre e mobiliário para cursos de introdução à informática e oficinas. Os auditórios com 50 lugares também teriam computador, projetor multimídia, vídeo e mobiliário, e também seriam instalados estúdios multimídia para criação de conteúdos, oficinas de produção para a internet e oficinas de programação em linguagem de software livre.

Segundo o edital do programa poderiam se inscrever associações, fundações, ONGs, universidades, institutos, centros e museus de ciências, fundações de pesquisa e desenvolvimento, públicas ou privadas, sem fins lucrativos, prefeituras, governos estaduais e empresas públicas de informática, tendo como prioridade áreas de vulnerabilidade social.

Das 92 cidades do Estado do Rio de Janeiro, duas cidades da região metropolitana foram contempladas pelo programa, São Gonçalo e Duque de Caxias. No Caso da Casa Brasil de Imbariê a inscrição foi realizada por Norma Santos, na época funcionária da Secretaria Municipal de Cultura.

Segundo entrevista realizada com Norma, o projeto foi idealizado para ser um espaço de difusão e fruição cultural, e a pedido da equipe da Secretaria de Cultura foi proposta a instalação do espaço no distrito de Imbariê, como um meio de descentralização das ações no município. A proposta era que o equipamento se transformasse em um espaço múltiplo, capaz de explorar os laboratórios de informática

em uma interface com as escolas do entorno, cumprindo as expectativas do programa de diálogo com a comunidade.

Porém, no período entre a inscrição do projeto e a liberação da verba a Secretaria Municipal de Cultura passou por mudanças estruturais, ainda no Governo de Washington Reis, a secretária Carmem Miguelis foi exonerada e Dalva Lazaroni assumiu seu lugar. Com a mudança de secretárias, Norma preferiu se retirar das funções que desempenhava e o projeto foi assumido por outra funcionária do governo.

A Casa foi inaugurada em 2006 e de acordo com Silva (2013.p.112) abrigava os seguintes módulos: Sala de Leitura com a apropriação e ampliação da Biblioteca comunitária Monteiro Lobato, já presente no local, Laboratório de informática, de MetaRec, Laboratório Multimídia, auditório e Tele Centro Comunitário.

Entretanto é difícil encontrar registros oficiais sobre o funcionamento da Casa Brasil neste período. Nos principais sites de comunicação da cidade ou em pesquisa pública feita na internet, as informações de atividades mais antigas são sazonais e se concentram em relatos de dois blogs. No período entre 2008 e 2009 o blog <http://cbimbarie.blogspot.com.br/2008/08/blog-post.html> narra parte das atividades realizadas no equipamento e o no período entre 2011 e 2012 o blog <http://casabrasilimbarie.blogspot.com.br/> narra parte das atividades realizadas.

Torna-se contraditório que um equipamento pensado justamente para dinamizar e democratizar o acesso à comunicação não tenha conseguido desenvolver ferramentas razoáveis para distribuição de informação de suas próprias ações. O que já nos revela certo desalinhamento com as diretrizes do programa em questão.

3.3. Gestão Cultural Territorializada.

Em 2010, já sob outra gestão municipal, no mandato do Prefeito José Camilo Zito, a Casa Brasil deixa de receber os recursos do programa Federal e a administração do espaço passa a ser de responsabilidade da prefeitura, como única gestora do equipamento. No primeiro ano de gestão da prefeitura a Casa tem suas atividades praticamente paralisadas e o espaço fica fechado por boa parte do ano, recebendo apenas eventos pontuais.

Após este período de vacância a Casa retoma suas atividades em 2011, porém de forma descontinuada. Também são poucos os registros de atividades encontrados neste período. Exposições, aulas para terceira idade, eventos extraordinários e cineclubes foram as atividades que marcaram o funcionamento da Casa neste período.

IV Pré Conferência de Cultura
As Faces e Interfaces da Cultura no Município de Duque de Caxias

Dia 17 de setembro de 2011
Na Casa Brasil Imbariê, das 8:30 as 12:30

Vamos discutir, promover ideias e renovação na nossa Cultura

Segundo o secretário de Cultura Gutemberg Cardoso, "a Conferência serve para que a sociedade civil, através de suas entidades, possa contribuir com propostas e discussões, de maneira a promover um alinhamento de ações no setor, apontando necessidades e soluções, que servirão como pauta para a Conferência Estadual".

Unidade Casa Brasil de Imbariê
Avenida Coronel Sisson Lt:15 e 16, no Bairro Imbariê
Duque de Caxias - RJ
Fone: 2778-1791
Mais informações:
<http://casabrazilimbarie.blogspot.com/>

CASA BRASIL Imbariê
APRESENTA
CINE CASA BRASIL Especial

SCOTT PILGRIM CONTRA O MUNDO

DIA 21/09 SABADO, AS 15H.

Unidade Casa Brasil de Imbariê
Avenida Coronel Sisson Lt:15 e 16, no Bairro Imbariê
Duque de Caxias - RJ
Fone: 2778-1791
Mais informações:
<http://casabrazilimbarie.blogspot.com/>

SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO

Fonte: imagens retiradas do blog <http://casabrazilimbarie.blogspot.com.br/>

No ano de 2012, a Casa voltou a receber oficinas regulares, mas as atividades saíram do campo da comunicação e inclusão digital e se voltaram ao campo das artes, com o curso livre de teatro, ministrado pelo professor Leandro Fortunato e o curso de HQ ministrado por Cristiano Ludgerio. Os espaços originais da Casa foram modificados para receber a nova demanda de atividades, o auditório foi pintado de preto para favorecer a prática cênica e o laboratório multimídia teve a ilha de edição desativada para ceder espaço às mesas de desenho. A Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato também permaneceu em atividade neste período.

Até o ano de 2015, mesmo com a mudança de governo em 2013, a estrutura de atividades se manteve com poucas alterações na rotina. Os cursos de Teatro e desenho se mantiveram como atividades regulares e alcançaram um nicho de jovens da região. A Casa ainda recebia esporadicamente atividades enviadas pela Secretária Municipal de cultura como exposições, porém sem grande alcance e impacto na comunidade. As

ações e o equipamento eram pouco reconhecidos no município, que não parecia estar ainda no mapa cultural da cidade.

Entretanto em 2015, a partir de uma mobilização social e política iniciada pela Paróquia São Judas Tadeu de Imbariê, um abaixo assinado foi entregue ao então Secretário de Cultura, Jesus Chediack. O pedido elaborado pela sociedade civil solicitava que Alex Fabiane assumisse a direção da Casa Brasil, com a intenção de que o espaço travasse um diálogo maior com a comunidade local e recebesse mais atenção da prefeitura, como um equipamento cultural.

Alex Fabiane foi criado no bairro de Imbariê, e é afilhado do Pároco da comunidade. Na vida adulta trabalhou com o grupo de Teatro Centro de Pesquisas Teatrais CPT- DC entre 1992 e 2011, tendo participado ativamente da vida artística e cultural do município, como ator e produtor cultural, contribuindo com a ocupação do Teatro Municipal Armando Mello, como professor de teatro e como um dos produtores do Festival Nacional de Teatro. Formado em cinema pela Universidade Gama Filho, Alex fundou sua produtora, a Lince produções, e atua como professor na Escola de Cinema Darcy Ribeiro e na Unidade SESC Caxias.

Por meio de uma ação política e fruto de mobilização social, liderada pela citada Paróquia, Alex assumiu a direção da Casa Brasil no final de 2015, após a entrega do abaixo assinado. Tendo ficado a frente da Casa até o início de 2017, quando o município passou por uma nova transição de governo.

É interessante analisar como nesse curto período, ou seja, segundo semestre de 2015 a janeiro de 2017, as ações da casa cresceram exponencialmente e o espaço passou a abrigar diversas ações culturais, mesmo diante da precariedade dos recursos materiais e humanos.



Fonte: Acervo da instituição

Parte da estrutura externa da Casa, quintal e jardim foi revitalizada com mutirão de limpeza e pintura realizado junto com a comunidade, moradores do bairro, pais e alunos dos cursos, e coletivos culturais da região, como BF União Ativa. A estrutura interna ganhou mais vida quando os alunos do curso de desenho, agora ministrados pela professora Sil Carla, foram incentivados a pintar as paredes e realizar instalações visuais nas dependências do equipamento.

Segundo entrevista realizada com Alex Fabiane, a proposta da gestão era trazer a comunidade para dentro da Casa, estimular a participação popular e a relação de identificação e pertencimento com o equipamento, para que a população fosse favorecida e que os grupos culturais encontrassem na Casa mais um espaço disponível para execução de suas produções. Alex afirmou sobre a importância de um espaço cultural potente naquele território com tantos habitantes.

Estamos diante de uma população que consome e que dificilmente sai dessa área em busca de lazer, precisamos de um espaço que contemple esse público e que abrigue a produção de outros artistas, mas para isso é preciso entender a lógica de como as coisas acontecem aqui.

De acordo com esse pensamento, a gestão foi sendo construída e eventos como Samba no quintal, Vitrine acústica, atividades da BF União Ativa, propostos por atores locais passaram a encontrar abrigo nas dependências da Casa.



Chamada de divulgação do evento Samba no Quintal – realizado no quintal da Casa Brasil.

Imagem retiradas redes sociais do evento

Fonte: <https://www.facebook.com/search/top/?q=casa%20brasil%20de%20imbari%C3%AA>



Evento Vitrine Acústica, no auditório da Casa Brasil de Imbariê em 16/09/2016.

Imagem retirada das redes sociais do grupo.

Fonte: <https://www.facebook.com/VitrineAcustica/photos/>



Evento do Coletivo BF União Ativa, na Casa Brasil de Imbariê. Mutirão de grafite.

Imagem retirada das redes sociais do grupo

Fonte: https://www.facebook.com/pg/bfuniaoativa/photos/?ref=page_internal

Para além das ações locais a Casa também passou a abrigar eventos de grupos culturais de outros distritos do município, como a Mostra 7 dias de Sol Sem Dó, promovida pela Cia Sol Sem Dó e Festivais de Cinema como o Ver Cine e o Baixada Animada, entre outras atividades, como mesas de debates e fóruns, promovidos pela secretaria de cultura e pela sociedade civil.



Fonte: Imagem retirada das redes sociais do grupo

https://www.facebook.com/pg/casafluminense/photos/?ref=page_internal

Ao analisar o estudo de caso em questão, desde sua fundação como política pública de descentralização da comunicação até o momento mais recente e traçarmos uma linha do tempo, podemos observar o notório crescimento e fortalecimento do equipamento durante o segundo semestre de 2015 e o primeiro mês de 2017.

Contrariando as expectativas e mesmo diante de um cenário pouco estimulante, com quadro de funcionários precário, materiais desgastados e raros repasses financeiros vindos da Secretária Municipal de Cultura, o espaço conseguiu se estabelecer, em um curto período de tempo, como um polo cultural de difusão e democratização do acesso cultural no terceiro distrito de Duque de Caxias, se tornando um espaço múltiplo e representativo junto à comunidade.

Nesse sentido é importante apontar o papel fundamental do gestor cultural da Casa Brasil para construção deste quadro e três aspectos que julgamos essenciais para o sucesso da gestão neste caso.

1- A dimensão de cultura adotada pela gestão.

De acordo com as entrevistas e análises de visitas de campo foi possível identificar que o gestor refutava o que seria o conceito de cultura a partir da ótica iluminista francesa, que caracteriza cultura como um estado de espírito a ser cultivado pela instrução. Foi notório, a partir das práticas adotadas que a gestão se punha mais alinhada a um conceito de cultura próximo as visões antropológicas, considerando a interação social dos atores e a produção de signos e significados, compreendendo que todos os indivíduos e grupos são seres e sujeitos culturais.

O alinhamento da gestão com essa perspectiva de cultura contribui para que o equipamento tenha se tornado um espaço de multiplicidade cultural, capaz de abrigar grupos de diferentes vertentes artísticas e ainda desenvolver um diálogo com a comunidade do entorno.

2- Um olhar territorializado sobre a gestão cultural.

Segundo Santos(2012, p.81), “Assim como cidadania e cultura formam um par integrado de significações, assim também cultura e territorialidades são de certo modo sinônimos.” Pois se valorizarmos a cultura como produção de significados e costumes, sua relação com a dimensão territorial ganha sentido, ao considerarmos que ela está ligada as relações entre os indivíduos e seu meio, ou seja, entre os indivíduos e as práticas estabelecidas em seus territórios.

Nesse sentido a presença de um gestor que pertença a comunidade contribui duplamente para o processo, primeiro por colocar a frente da instituição um gestor que conhece as dinâmicas e práticas locais, e portanto, tem maior capacidade de dialogar com suas potências e fragilidades, podendo dinamizar suas ações. E ainda, pela representatividade simbólica, visto que em comunidades economicamente vulneráveis os estigmas negativos de violência e ausência tendem a prevalecer no imaginário da comunidade. Sendo assim, o reconhecimento de um membro pertencente a comunidade a frente de um cargo ou instituição, por si só tem uma força representativa carregada de subjetividades diante da comunidade.

3- *O uso de tecnologias sociais*

As ações de mobilização da comunidade para o mutirão de limpeza e pintura, as ações de ocupação da praça próxima e a própria articulação do abaixo assinado junto à paróquia, são dispositivos sociais, usados como um recurso diante de ausências, a falta de estrutura e verba foram solucionadas com mutirão e a pressão política por um gestor representativo também. É importante perceber como essas ações são fruto das práticas deste território e como essas experiências sociais apresentam, à sua forma, soluções para as questões apresentadas que devem ser creditadas.

Sendo assim o Caso da Casa Brasil nos aponta alguns caminhos para a reflexão no âmbito das políticas públicas e gestões culturais. Dada a importância da cultura e a centralidade desse campo dinâmico e de constante produção, é preciso estar atento na formulação dessas políticas e gestões a fim de contribuir com a formação de espaços mais capazes de favorecer a população em sua multiplicidade e diversidade.

Cabe ressaltar, ainda, a “necessidade se constituir capilaridades, formadas por campos de abrangência e integração próprios e externos à cultura, formando circuitos, sistemas e setores que articulam realidades, demandas e possibilidades.” Conforme apontado por Barros, em seu artigo processos (Trans)Formativos e a gestão da diversidade da cultura (2009).

No caso das metrópoles podemos afirmar que mesmo que o estudo de caso em questão se refira a um objeto do município de Duque de Caxias, sua trajetória pode inspirar outras iniciativas. Um equipamento cultural em funcionamento pleno em territórios semelhantes ao território de Imbariêtem muito a contribuir para a construção de um espaço mais afetivo e vivo. A cultura ocupa um papel central como mediadora na vida dos sujeitos, logo um espaço cultural que fomente a cultura a partir de uma visão territorializada, também está pensando novas formas de mediação para a vida dos sujeitos desse território. A cultura reorganiza os espaços e potencializa o exercício de cidadania, sendo um vetor em potencial para pensar a melhoria da qualidade de vida nas metrópoles e regiões de periferia.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

A gente precisa conversar, precisa de presença. Olho no olho é um chamado para olhar para o outro, encarar, trocar. Comunicação é amor, é cuidado, é se importar. Enquanto o ressentimento engessa, o olhar derrete, o despeito empedra, o afeto amacia; a mágoa pesa a escuta alivia. Precisamos nos ver mais e multiplicar os olhares através dos espelhos.

Programada sessão Olho no Olho, cineclube Mate com Angu. Edição comemorativa dia da Baixada 2015

Chegamos às considerações finais deste trabalho e, nesse sentido, acredito ser importante afirmar como uma escolha a opção de privilegiar um percurso atento ao território e suas dinâmicas espaciais, em detrimento do aprofundamento em uma pesquisa conceitual e teórica sobre o assunto.

Consideramos que uma pesquisa voltada para a análise e reconhecimento do território e de suas produções seria mais eficaz na contribuição de significados para a cidade. Se atentarmos para a política de homogeneização à que estão historicamente submetidos os espaços populares, um trabalho que olhe para o território e discorra sobre suas narrativas ganha uma força de representatividade importante no esforço para construção de um novo imaginário.

No caso de Duque de Caxias, o histórico de violência e abandono que paira sobre a cidade ainda é muito forte, porém, ao longo do trabalho convidamos o leitor a se conectar com outros aspectos. Nesse sentido, o fortalecimento da memória e a autonomia das histórias deste território e de seus sujeitos ganham força e nos conduzem a uma nova percepção sobre o espaço, a um outro olhar, pautados nas singularidades e nas produções de afeto que envolvem suas dinâmicas.

Duque de Caxias, assim como outras cidades periféricas, sofre com a falta de representatividade e de memória, um processo que se reforça cada vez que são definidas as histórias que devem ser contadas, afinal toda escolha é por si só um processo excludente e historicamente não são as histórias de grupos subalternizados as que optamos contar. Por tanto, assim como no texto da sessão do cineclube Mate com Angu, reforçamos: Olho no Olho é necessário, olhar para multiplicar olhares, identificar potências, multiplicar os espelhos.

Ao longo deste percurso, mapear os grupos, equipamentos e agentes culturais foi um caminho importante para análise do território em questão. Primeiro como uma ação de creditá-las e reconhecer o trabalho desses atores como importância no campo das experiências sociais, depois como percurso de análise sobre as práticas e táticas usadas no território.

Ao analisar a produção dos grupos culturais mapeados atentamos para uma forte conexão entre suas produções e a cidade. A referencia territorial está presente de várias formas, seja nas obras artísticas, como quando a Capa Comics usa Duque de Caxias como cenário para as histórias em quadrinho do personagem Detrito, seja pela apropriação política e cultural de espaços públicos como Coletivo Fala e a Cia Sol sem Dó optam por fazer em suas produções.

Contudo, é importante atentar para as práticas e táticas adotadas pelos grupos a fim garantir que suas produções se mantenham ativas diante de um cenário de escassez de recursos financeiros e de políticas de fomento. Pois é nesse cenário que a rede se apresenta como um importante recurso; estar em contato, trocar com outros fazedores e ser reconhecido dentro desse grupo é um aspecto importante para legitimidade e continuidade do trabalho, visto que diante da falta de outros recursos a rede assume um papel de instância legitimadora e é também o que ampara essas produções, a partir de uma lógica de interação social estabelecida entre os grupos.

Os códigos e as práticas se estabelecem a partir das particularidades que envolvem o campo de atuação dos agentes e grupos mapeados. Esses sujeitos, por sua vez, acabam por desenvolver soluções, expertises e malandragens que garantem a continuidade de seus trabalhos. Traduções simbólicas de um território vivido que precisam ser creditadas e estudadas, pois partem de um senso comunitário e apontam para outros caminhos possíveis de realização e formação de sujeitos.

Ao longo do trabalho, após o mapeamento dos grupos, o estudo de caso analisado, a Casa Brasil de Imbariê, nos revelou importantes aspectos sobre o território, nos alertando sobre o poder de mobilização entre os agentes culturais e a fragilidade das políticas públicas de cultura no município.

Se traçarmos uma linha do tempo a partir do ano de fundação da Casa Brasil de Imbariê (2007) até nossa atualidade (2017), avaliamos que em dez anos de existência da

Casa o município passou por quatro gestões diferentes, e pelo menos sete diferentes gestores e gestoras estiveram à frente da pasta de Cultura ao longo desse período. Porém, nenhum foi capaz de desenvolver políticas públicas estruturantes para o território. Os equipamentos que tiveram melhor desempenho de atuação, entretanto foram aqueles, que como a Casa Brasil tiveram à frente de sua gestão, mesmo que temporariamente, gestores comprometidos com o território, com a perspectiva de travar diálogos e capazes de se inserir nesta rede de colaboração e produção que se põe, mesmo que de forma subjetiva, estabelecida no campo da cultura de Duque de Caxias.

Penso que este seja um desafio, especialmente nas esferas municipais, em que a prática de usar a Secretária de Cultura como cabide eleitoral se faz presente: garantir que os gestores de cultura, na esfera pública, estejam comprometidos e sejam qualificados. Porém, acredito que a experiência da Casa Brasil nos aponte uma direção, acredito que seja necessário pensar a figura dos gestores como sujeitos comprometidos com ações de continuidade e diálogo, gestores atentos ao território e suas dinâmicas.

Por fim, o trabalho nos revela o quanto a produção cultural de Duque de Caxias contribui para a construção de espaços mais propositivos e para a formação de sujeitos cidadãos, e ainda, que se amparada por políticas públicas de cultura, a produção cultural é capaz de ampliar seu alcance de atuação sendo um ponto chave no fortalecimento da memória, e da criação de identidade e da relação de identificação entre os sujeitos e o território.

Penso que se mais do que resistir, se a produção cultural em Duque de Caxias e em toda Baixada Fluminense de fato pudesse existir em plenitude, se produção cultural fosse vista como um ponto estratégico para aceleração do crescimento, nós teríamos um cenário para além das *start-ups* empreendedoras. Nós teríamos ao nosso favor um aparato de experiências e tecnologias sociais capazes de ressignificar ambientes, estabelecer redes de afeto e bem estar social. É preciso reconhecer que o papel da produção cultural da Baixada é artístico sim, porém também é um exercício de sociabilidade e cidadania.

Creio que este seja o apontamento mais valioso que esse trabalho pode trazer, e mesmo que não seja uma novidade exposta, é mais uma vez, o reforço de que há um caminho possível para pensarmos cidades mais afetivas, espaços praticados e um

território de relações, mas essas soluções não se farão do macro, junto dos que desconhecem a conjuntura do viver diante desses espaços. As soluções estão com os que pegam ônibus, com os que andam de trem, a solução vem dos que reconhecem suas faltas, mas optam por trabalhar na lacuna, na tática e na inventividade. Isso é muita arte.

REFERÊNCIAS

BARROS, J.M. Processos (Trans) Formativos e a Gestão da Diversidade Cultural In: CALABRE, Lia (org.). Políticas Culturais: Reflexões sobre gestão, processos participativos e desenvolvimento. – São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2009.

BOURDIEU, Pierre. Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRASIL. Plano Nacional de Cultura (2010). Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112343.htm>. Acesso em 12 jul. 2017.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Panorama Duque de Caxias, RJ. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/rj/duque-de-caxias/panorama>>. Acesso em 12 jul. 2017

CERTEAU, Michel. La Cultura Em Plural. Buenos Aires, República Argentina: Ediciones Nueva Visión SAIC – 1999.

DUQUE DE CAXIAS (Rio de Janeiro, RJ). Lurdinha. Disponível em:<<http://lurdinha.org/site/category/umaboa/>>. Acesso em 12 jul. 2017.

GOUVÊA, Maria José Motta Com a Palavra Mate com Angu, uma intervenção estética no município de Duque de Caxias. Rio de Janeiro: FGV – CPDOC – Programa de PósGraduação em História, Política e Bens Culturais, 2007. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em História Política, Bens Culturais e Projetos Sociais – Fundação Getúlio Vargas Rio de Janeiro. Pós Graduação em História Política, Bens Culturais e Projetos Sociais – CPDOC, 2007.

GUELMAN, L.C e RODRIGUES, L.A. Relatório Final: Programa de Capacitação e Gestão Cultural do Teatro Raul Cortez Duque de Caxias, UFF, Niterói – RJ, out. 2006/jan.2008.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n°2, p. 15-46, jul./dez.1997.

HB, Heraldo. O cerol fininho da Baixada: Histórias do cineclube Mate Com Angu – Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013. [Tramas urbanas].

RIO DE JANEIRO (Estado). Casa Fluminense. Mapa da Desigualdade. Disponível em: <<http://www.forumrio.org/mapas/mapa-desigualdade/>>. Acesso em: 12 jul.2017.

_____.Secretaria de Estado de Cultura. Mapa De Cultura RJ. Disponível em:<<http://mapadecultura.rj.gov.br/>>. Acesso em: 12 jul.2017.

SANTOS, Milton. O Espaço do Cidadão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SILVA, Jailson de Souza. Um espaço em busca do seu lugar: As favelas para além dos estereótipos. In: BARBOSA, Jorge Luiz; FAUSTINI, Marcos Vinicius; SILVA, Jailson de Souza (org). O Novo Carioca. Rio de Janeiro: MV Serviços e Editora LTDA, 2012.

SILVA, Suelen de Aguiar. Comunicação comunitária e participação popular no Projeto Casa Brasil, 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

TENDLER, Sílvio. ENCONTRO com Milton Santos: O mundo global visto do lado de cá. Direção: Sílvio Tandler. Caliban Produções. Rio de Janeiro, 2006. 90 min. 35mm, COR, 2.140m, 24q

TORRES, Gênesis. História da Baixada Fluminense. Baixada Fácil. Disponível em: <<http://baixadafacil.com.br/historia-da-baixada>> Acesso em: 12 jul.2017.